Rodolfo Teófilo - Pensamento e Ação

JOÃO ALFREDO MONTENEGRO (*)

O notável homem de letras e cientista, cuja obra transpôs os limites do Ceará, alcançando o eixo da vida intelectual brasileira de então, o Rio de Janeiro, está a merecer uma investigação mais atualizada dos seus escritos e do alto protagonismo que cumpriu entre nós.

Nasceu ele em Salvador no ano de 1853, e faleceu em Fortaleza no ano de 1932. O que já bem aponta para uma quadra de mudanças significativas no país e no mundo, abrindo-se para um largo processo de secularização, no qual o jogo das idéias é exercitado com clara determinação, refletindo o embate dialético da tradição e das emergentes realidades materiais.

A obra literária de Rodolfo Teófilo não foge, portanto, aos condicionamentos sócio-econômicos do período, prestando-se, com propriedade, à análise de uma Sociologia da Literatura cearense a dar consistência à uma História das Idéias ainda em começo entre nós.

Tal o pressuposto epistemológico de uma reflexão que já se vai fazendo tardia, até mesmo para uma melhor compreensão do papel dos agentes sociais de prol, que souberam aliar à visão dos fatos a correta atuação política, possibilitando a segura recepção dos novos paradigmas culturais e o encaminhamento de propostas de mudanças compatíveis com as potencialidades nacionais/regionais.

Rodolfo Teófilo é daquelas personalidades polimorfas e proeminentes, dotadas de agudo senso de observação e do dinamismo inovador. Conjugava o descortínio dos sábios com a capacidade

(*) Sócio efetivo do Instituto do Ceará.

de elaboração e de realização de projetos a carrearem benefícios culturais e sociais.

Assim, nele, não se pode separar a *intelligenza* da *praxis*. Os seus escritos, o seu ideário, contêm células vivas de atividades a serem programadas, concitando de imediato os leitores a uma tomada de posição face à conjuntura, aos episódios. É que o baiano-cearense detém o envolvente e genuíno sentido da política, começando por expressá-la em termos indiretos ou através de proposições que realçam a indigência das populações abandonadas, os males de que padece, e terminando em denúncias fortes em libelos vivos contra os oligarcas, contra os poderosos que inibem o progresso, tão presente na sua postura cientificista-liberal. Poderosos que se situam em diferentes graus hierárquicos. Do que se deduz incisivamente da palavra de Otacílio Colares, o dedicado estudioso do personagem ilustre:

> "Também em 1910 publica (ele) coletânea de estórias curtas, explorando distorções sócio-político-econômicas do alto sertão cearense de princípios do século XIX, estereotipadas na figura do anti-herói sertanejo Conduru, que dá título à coletânea."
> (Dados Bibliográficos de Rodolfo Teófilo, in A Fome/ Violação, Rio, Livraria José Olympio Editora, 1979, p. XXI).

Por aí se nota a extraordinária dimensão humana do nosso escritor, apreciando justamente um período de expansão e de afirmação da história do Ceará, quando a Economia, a Sociedade, a Política, a Cultura e a Religião se estruturam propriamente entre nós, mediante um processo traumático que ainda hoje perdura.

Desse modo, Rodolfo Teófilo tem diante de si um vasto material de pesquisas, sobre o qual deita a melhor de suas meditações, em forma de história, de romance, de conto, de memória, de crítica política, em que o homem aparece valorizado acima de tudo, numa incansável pregação, diferentemente do que se verificava no próprio território da elite liberal do seu tempo, mais voltada para o episódio do que para o combate tenaz de várias conjunturas, numa tarefa de sustentação de causas sublimes e

grandiosas. Tudo no grande mestre passava pelo homem e no homem findava. Até ao cuidar de coisas aparentemente sem ligação imediata com as comunidades humanas, por exemplo um manual seu sobre Botânica, não foge ao propósito de sua divulgação entre contemporâneos e pósteros, iniciando-os na preservação da riqueza ecológica do Ceará, da qual era profundo conhecedor. Disso dá mostra *monografia de mucunã*, planta cuja raiz se presta ao alimento em geral. Não é sem razão que referido trabalho surge por ocasião da seca de 1877 (Otacílio Colares, ibidem, p. XIX).

Mas, cumpre deter-se um pouco nos seus escritos mais representativos, tirando deles uma visão geral de suas idéias e de sua ação.

O Reino de Kiato talvez seja o que traduz com mais amplitude o pensamento do admirável cearense por adoção, imprimindo-lhe um anseio transformador. Aí o liberalismo ganha foros de utopia e se exprime também com vigor num Positivismo que procura dar concreção à problemática humana, ocupando-se de soluções objetivas, práticas, que conduziram à erradicação de males físicos, sociais, psíquicos e culturais que afligiam aquele Reino. O espiritualismo de Tolstoi não deixa também de estar aí presente. O que é muito evidente ao falar de uma exitosa fraternidade, de uma profunda compaixão pelo próximo, pelos desvalidos, pelos marginalizados por uma sociedade terrivelmente injusta, cujo sentido hierárquico, elitista, detinha conotações demoníacas, uma sociedade que projetava o seu modelo perverso no seio do Estado, desfigurando-o visivelmente, através da ambivalência do despotismo e da fraqueza.

O Reino de Kiato constitui um modelo de organização político-social veiculado através de um romance de caráter utópico, avalizando o alto estágio de criatividade do seu autor, sempre posta a serviço da liberdade, da promoção do seu povo. Uma organização escorada sobretudo nas prescrições de um cientificismo que se esmerava no zelo pelo corpo.

Conforme ele diz com propriedade, inspirado nos velhos alquimistas, aí se descobre a tão sonhada *Pedra Philosophal*. No dia em que estiver resolvido o problema do corpo, manifestado nas suas múltiplas facetas, estará solucionado o problema do homem.

Escreve ele:

> "O agente, ou força que transformava o corpo, que lhe mudava a individualidade, conservando a substância, era a sonhada *Pedra Philosophal*". (*O Reino de Kiato*, São Paulo, Monteiro Lobato & Cia. editores, 1922, p. 8).

Daí as iniciativas objetivas orientadas para a higiene pessoal e coletiva, para resgatar "a saúde nos órgãos doentes do corpo, remoçar as células envelhecidas, dar ao homem grande longevidade, suprimir quase a morte". (Ibidem, p. 10). Tudo isso mediante a aplicação de um "filtro de longa vida".

Quase tudo resultaria, então, dessa concepção e dessa política do corpo. Algo que, notadamente biológico e fisiológico, se postaria na base da existência sócio-cultural e política, acentuando a forte dimensão do Positivismo de Rodolfo Teófilo.

Por aí ele começa a realizar uma intensa secularização dos elementos religiosos-esotéricos presentes na doutrina multissecular da *Pedra Philosophal*. O que se constitui, ao mesmo tempo, agudo contraponto do tradicionalismo católico, direcionado para o exagero do dualismo corpo-alma, a negar implicitamente a Encarnação, dualismo tão funesto, de conseqüências ainda não devidamente avaliadas para a Civilização Ocidental.

É de se observar, por isso mesmo, que o apóstolo do Ceará foi mais longe na crítica ao tradicionalismo católico do que a própria *Academia Francesa* de Rocha Lima, descendo às raízes de uma filosofia que ainda hoje influencia, determina e condiciona valores do mundo contemporâneo.

Porém, longe estava Rodolfo Teófilo de imaginar o quanto de nocivo e degradante acabaria por envolver o Positivismo, transmudado em formas civilizatórias sofisticadas e frias, estabelecendo a convivência da revolução tecnológica com a alienação cruel a que são relegadas milhões de pessoas no mundo inteiro, padecendo a fome, a decadência, o esquecimento do ser.

Não, mil vezes não!

O denodado apóstolo tinha outro entendimento do Positivismo. Um Positivismo alimentado por um Liberalismo puro, o

radical, o de Cipriano Barata, o seu fundador no Brasil, o de Frei Caneca, o do Padre Mororó. Um Liberalismo que bebia nas fontes mais autênticas do Iluminismo, principalmente o de Rousseau, cujo travejamento social e humano armava o melhor anteparo ao avanço do Liberalismo conservador, tão entranhado no corpo do capitalismo selvagem, das desigualdades gritantes, dos sistemas políticos obsoletos.

O Rodolfo Teófilo que sai pelos arrebaldes de Fortaleza (e que grandes arrebaldes aqueles!), vacinando e cuidando dos doentes, dos miseráveis, dos desamparados do poder público, da elite indi- ferente e soberba, é de outra estirpe, a dos nobres de espírito.

O Rodolfo Teófilo que está também nas ruas de Fortaleza, assistindo aos retirantes da seca, desfalecidos pela fome e pelas epidemias, formando sinistros acampamentos, é daqueles sobre os quais pousa a coroa da bem-aventurança. Justamente por vivenciar e praticar excelsas virtudes, próprias de um ser privilegiado, quase de todo deslocado num meio cruel, sofrendo perseguições e incompreensões sem conta. E especialmente do governo de Nogueira Acioly. A quanto levava aquele Liberalismo conservador, facilmente assumindo a face do despotismo mais ferrenho, ao sabor das oligarquias estaduais.

E aqui faço um adendo.

São várias as coroas de bem-aventurança recebidas pelo extraordinário apóstolo. Não apenas as que premiam virtudes particulares, mas também a que resume todas as demais: a da justiça, de profundo alcance antropológico.

As dilatadas perseguições que suportou o revelam mais do que tudo. A sua extraordinária fortaleza, mantém afinidades etimológicas com *virtude*, com *coração*, donde provém *coragem*. Pois aos déspotas maiores e menores enfrentou de cabeça erguida, peito aberto, desarmado, a todos se impondo pela poderosa Razão Ética que o preenchia.

E se bem observarmos, ele nada deixa isento à palavra e à ação da Justiça. Isto se patenteia na extensão de sua obra densamente crítica. Até mesmo quando ironiza, quando censura as

maravilhas, os sempiternos bajuladores. Pois, afinal de contas, quer vê-los regenerados. É o que acontece em *Memórias de um Engrossador*, dimensionando com argúcia psicológica a personalidade carcomida de uma dessas figuras burlescas, tão insistentes e incansáveis na busca de ascensão na vida.

Tem-se mais do que a impressão, a forte convicção, após a leitura do livro, de que o desmoronamento da ética no homem justifica todos os servilismos, todas as infâmias, todos os crimes. E de que tal desmoronamento muito se relaciona e é quase uma projeção absoluta do estado e da sociedade oligárquicos. Somente os grandes espíritos, como Rodolfo Teófilo, não se deixam abater por esse contexto perverso. E, ao final da narrativa, aponta a única alternativa salvadora do *engrossador*, a regeneração, numa página em que de novo é revisitada a mensagem cristã de Tolstoi, quando o remorso se ergue desferindo duras chicotadas no dorso de sua consciência:

> "Foi preciso cair para bem compreender a grandeza da justiça de Deus. Se me tenho conservado puro, como seria grande a minha paz!
>
> "Levei uma vida desregrada cometendo toda a sorte de infâmias. Quando soou a hora da expiação que julguei nunca chegar, eu não era mais do que um cadáver, mas um cadáver com com nervos vivos para sentir a gula de vermes no repasto das carnes apodrecidas.
>
> "Vou caminho do exílio. Praza a Deus que me possa purificar pelo sofrimento." (*Memórias de um Engrossador*, Lisboa, tip. A Editora, 1912, p. 103).

O subtítulo desse trabalho de RodolfoTeófilo retrata indubitavelmente o objetivo que o animou. "Homens e coisas do meu tempo" representa com justeza a conjuntura tenebrosa dominada e agilitada pelo oligarquismo; e, dentro dela, o papel cumprido pelos fantoches de um poder distorcido, que não era meramente político. Pois alcançava até as consciências, impelindo-as a abdicarem de sua sacralidade. Uma conjuntura tenebrosa, com efeito, que explorava ao máximo a imaturidade social e cultural, dissemi-

nando os ódios, a prepotência, o proselitismo insano, a violência encarnada no banditismo, na agressão física e moral aos adversários/inimigos.

No romance *A Fome*, na novela *Violação* e nas monografias que produziu sobre as secas no Ceará, são tecidos cenários de fundo das Conjunturas que trazem à mostra a fragilidade das estruturas que as suportam, golpeadas até quase a morte por episódios dantescos e sangrentos. Usa-se aqui a terminologia criada por Braudel, a dos três níveis da história, para melhor caracterizar a complexidade de uma problemática que não pode ficar sob a jurisdição de um factualismo pouco conseqüente, que apenas perpetua um injusto estado de coisas.

O que há de mais importante naqueles escritos é exatamente a habilidade do autor, através de um extraordinário vigor narrativo, de cavar aberturas por onde o historiador das idéias, o sociólogo, o antropólogo, o filósofo podem penetrar, realizando aquela tão almejada e necessária interpretação, levantando os grandes parâmetros culturais da cearensidade, de um regional que clama por ser mais pesquisado, até para se obter uma visão mais nítida e rentável da realidade nacional.

Pois bem. Na temática das secas, principalmente, aflora todo o contexto daquilo que não se deveria chamar propriamente de dinâmica político-administrativa. Porquanto acaba sempre prevalecendo um jogo baixo de interesses privados, a indústria das secas, o malbaratamento dos recursos destinados ao socorro dos flagelados, que morrem aos milhares só nas ruas de Fortaleza. Saúde, educação, assistência ao camponês, tudo isso era praticamente inexistente.

Que tristes tempos aqueles!

Ao nos posicionarmos diante desse quadro, atinge-nos um juízo de valor terrivelmente provocativo!

Não estamos sendo injustos e ingratos com o magnânimo Rodolfo Teófilo, deixando de regar aquele arbusto que ele plantou com a semente do autodespojamento, da entrega total aos irmãos, inclusive através da sua magnífica obra literária?

Não é de induzir novos gestos de grandeza e de eficácia a pragmática que o inolvidável apóstolo soube tão bem associar à responsabilidade social, da qual não estamos por hipótese alguma isentos?

E é importante salientar como já se pode depreender, que, em Rodolfo Teófilo, o perfilhamento da responsabilidade social o alçava muito acima do moralismo, tão contumaz nos dias do renomeado escritor. Um moralismo que dominava, e que era o produto de uma concepção do mundo racionalista, e em articulação com o privatismo inerente à estrutura social da quadra em que atuou.

Verdade que ele não deu as costas ao legalismo de todo, ajudando-o a criticar a recaída da anarquia, a guerra feroz das facções políticas. Foi, porém, a expressiva ética social de Rodolfo Teófilo, mais bem orientada filosófica e tecnicamente, que estimularia exitosamente expoentes liberais entre nós, conduzindo-os para movimentos ou para posturas condizentes com as reformas sociais, facilitando a recepção e o enriquecimento do tenentismo, a dinâmica do rabelismo.

Levante-se um ligeiro quadro comparativo entre traços da ideologia de Rodolfo Teófilo e da de Joaquim Távora, e não se demorará a tirar conclusões oportunas, pertinentes. O último emprestou ao movimento tenentista um toque de grandeza que, infelizmente, na prática, logo rejeitaria, para desgraça nossa, como a evolução dos acontecimentos inquestionavelmente confirmou.

Fez-se ele o líder maior da Revolução de 1924 e, ainda sofrendo duros reveses, continuaria intrépido e perseverante no ideal, até cair morto. Esse ideal não se restringia ao que poderia ser atingido através das chamadas revoluções políticas. Ele cobria mudanças sociais e econômicas profundas. O que era de admirar no período, entre nós, ainda longe de assimilar, fora dos arraiais anarquistas e comunistas, mensagens que veiculavam a revolução social.

Dizia Joaquim Távora que a independência do Brasil ainda não passara de um mito. Entendia que a independência não deveria ser apenas política, mas também econômica e social.

Combatia o monopólio da Terra, o feudalismo no campo, que nada revertia em proveito do povo, sufragando conceitos e

sugestões de reforma agrária que remontam ao velho José Bonifácio de Andrada e Silva, um precursor.

Nisso tudo entra uma poderosa Razão Ética que percorreria os domínios liberais positivistas de Rodolfo Teófilo.

São de forte intensidade os lampejos da sua mensagem social.

Admirável a percepção que tem da necessidade de Progresso para todas as camadas da população. Um progresso vitalizado pelo Trabalho Coletivo, sem admissão de quaisquer privilégios. Muito menos o do monopólio da Terra. Um progresso amparado na ciência e na técnica, e jamais subordinado a interesses egoísticos, quer de pessoas, quer de classes.

Depois de proclamar em O *Reino de Kiato* a produção multiplicada das terras, pelo uso completo de máquinas, continua:

> "Paterson comovia-se diante de tão edificante espetáculo. Ali não se notavam castas, nem hierarquias. Dois filhos do rei, um de dezoito, outro de vinte anos, de blusa e gorro, guiavam as charruas, ao lado de seus súbditos. Era a glorificação da terra pelo trabalho, a terra que, criada para todos, o egoísmo havia conquistado, opondo o direito de força à força do direito..."
>
> "Paterson assistia, naquele rincão afastado do mundo, à restituição da terra aos seus primitivos donos, isto é, a todo o gênero humano".
>
> "O senhorio territorial, figura execranda das sociedades corrompidas, havia desaparecido com a regeneração do humano. A terra do Reino fora dividida em hectares e distribuída entre os que queriam lavrar, de acordo com o número de pessoas da família".
>
> (Rodolfo Teófilo, ob. cit., p. 65)

Nessa citação se põe com evidência algo central da doutrina social de Tolstoi, cuja influência, como já dito linhas acima, é marcante no pensamento do nosso autor, contribuindo deveras para a densidade humana do Cristianismo, tão fragilizada pelo

catolicismo tradicionalista de sua época, a que tão severamente se opôs, através de seus escritos e da *praxis* que promoveu.

Pela mediação tolstoiana, pressionou em prol da restituição do dimensionamento autenticamente profético e evangélico do Cristianismo. Confirma-o exuberantemente o testemunho firmado na pura autenticidade de sua vida, toda ela de doação e de amor ao próximo.

Mais do que interessante, é profundamente ambivalente o dizer-se Rodolfo Teófilo ateu. Acredito por implícito e denso movimento do seu espírito. Para melhor possibilitar o fluxo de suas idéias, de sua força narrativa, que precisava de se posicionar do lado da imanência dinâmica, da trama circunstancial, afastando-se de uma religiosidade abstrata, terrivelmente alienante, que excluía o verdadeiro sentido da justiça.

Assim, o seu ateísmo decorria, necessariamente, de um afastamento inteligente, provisório, até mesmo providencial, de um Deus que se postava muito acima dos negócios humanos, aquele mesmo Deus cuja morte decretou Nietzche, ensejando o tom moralista do Catolicismo tridentino.

Importa agora ressaltar a presença de Euclides da Cunha na obra de Rodolfo Teófilo, aquele que se constitui o grande estuário do Positivismo nacionalista no Brasil, sensibilizando gerações inteiras, um culturalismo de largas implicações, fomentando o entendimento mais agudo das realidades distanciadas do litoral, chamando a atenção para o drama das populações deslocadas na amplitude dos sertões, marcando o seu próprio tempo e inventando as suas próprias vidas. Culturas quase de todo autóctones, a engendrarem, a desenvolverem o vigoroso espírito de organização comunitária, com as práticas daí emergentes. O espírito de organização comunitária, que foi tão castrado nesse país pelas elites egoístas e predatórias, conformada no oligarquismo, na ambição desenfreada e sem limites, e que ressurge em nossos dias pelo novo protagonismo das bases sociais, já encontrava em Euclides da Cunha um animador, um entusiasta em meio à sua reflexão sobre o imperativo de se estruturar em fundamentos científicos as instituições políticas, sociais, econômicas e educacionais dessa imensa nação, a ponto de se conquistar "uma autonomia que pro-

gride numa continuidade perfeita da formação ética à situação política, às minudências últimas da linguagem". O que se trata, em última instância, de uma ampla solidariedade dinamicamente orientada para o reencontro dos valores culturais e das práticas que lhes são correlatas, para aquela participação comunitária sem a qual o pressuposto da ética se amolece, fortalecendo os remanescentes oligárquicos, revitalizando a corrupção e enfraquecendo o projeto nacional.

A articulação ideológica composta por Euclides da Cunha e por Rodolfo Teófilo, com as variáveis próprias de cada um, em que pesem as limitações do período, o acentuado cientificismo, rasgaria novas perspectivas e, entre outras, a de um rejuvenescimento ético ancorado pujantemente no social.

É manifesto que a obra literária do nosso autor tem função proeminente naquela abertura, por tudo que a obra literária apresenta de matéria precursora, de elaborações pré-cognitivas, da intuição que devassa horizontes, às vezes negros, além dos quais capta o real redimido, mesmo permanecendo o sonho, a débil transfiguração do desejo. É em vigilante e permanente atenção, jamais abandonando a preservante memória, a nos concitar à fidelidade ao autêntico, à experiência da convivência dialética com o adversário.

Nessa direção o que expõe o inolvidável mestre em 1926, em *O Caixeiro*, espécie de exercício de memória, quando já recolhido à vida privada:

> "Assim bendigo hoje no meu plácido retiro, no gozo inefável da consciência de não ter sido um inútil, de ter dado os melhores dias de minha mocidade a esta minha muito amada terra, bendizendo os que procurando humilhar-me, elevaram-me até onde podia chegar a minha capacidade moral e intelectual.
>
> "Eu os perdôo pelo bem que me fizeram e indiretamente ao meu Ceará".
>
> (Rodolfo Teófilo, ob. cit., Fortaleza, tip. Minerva, 1927, p. 70).